

# Mitos da Educação \* 4 MAI 1990

**I**nforma o Ministério da Educação que vem aí “um programa de arromba” — a pedido do presidente da República — para enfrentar a questão do analfabetismo. Os objetivos do programa são ótimos: melhoria de qualidade das escolas, com a participação dos governos de estados e municípios, melhoria dos salários dos professores de 1º grau, mobilização das universidades para o treinamento de professores, etc.

Tudo como manda o figurino. Só é preciso cuidado para fugir dos chavões que fazem da educação brasileira um eterno beco sem saída. O ministro Carlos Chiarelli gosta de lembrar que o Brasil tem 21 milhões de analfabetos, e que a Constituição de 1988 estipulou um prazo de dez anos para a erradicação do analfabetismo.

Os constituintes, naturalmente, podiam estipular o prazo que quisessem. Mas é preciso saber a que custo se fazem certas coisas. Melhorar as escolas, por exemplo, é maneira segura de diminuir

a produção de analfabetos, em que o país é um verdadeiro campeão. Mas se “erradicar o analfabetismo” significa sair laçando analfabetos pelos sertões do Brasil, há modos bem mais produtivos de gastar as sempre escassas verbas da educação.

O matuto sertanejo que nunca aprendeu a ler pode, com muito esforço e muitas horas de instrução martelada, chegar ao momento glorioso em que rabiscará o próprio nome. Depois disso, voltará para a enxada e esquecerá o que aprendeu — pois, no mundo em que ele vive, a palavra escrita desempenha um papel insignificante, quase supérfluo.

Gastar dinheiro com a melhoria da escola, em vez disso, será sempre um dinheiro bem gasto — sobretudo se não prevalecerem os delírios arquitetônicos, e se sobrar o suficiente para pagar melhor aos professores. Na guerra da educação, o soldado é o professor. Mas ainda há quem ache que se pode ganhar a guerra sem ele.